

uma vez por todas que ele continuasse a estufar o estômago de batatinhas pastosas embebidas de vinhos do Pequeño: a forçá-lo a sempiternos jejuns, empoeirando a mucosa do gástrico de caulim em pó, ou magistério de bismuto (subnitrato de bismuto), à escolha dele. Pois os mais honestos entre os boticários de Pastrufácio vendiam-lhe o bismuto a vinte vezes o preço de custo, com a desculpa que vinha da Europa, mais precisamente de Darmstadt.

Sorriu de novo, o bom doutor, pensando naquela louca avareza, mesclada com tamanha tolice que queria manter os farmacêuticos num nível de lucro de cem por cento.

O filho afirmava ter transformado em bismuto as economias de dez anos, quer dizer, de dez anos de sovínice. Na mitologia e no folclore local, e apesar dos contínuos desmentidos dos homens de ciência, a começar pelo doutor mesmo, e logo em seguida o cobrador de impostos e em terceiro o bibliotecário-chefe da associação dos plantadores de pêras, e assim por diante em quarto, quinto e sexto, muitos outros, continuou-se a crer e a afirmar, em Lukones, que foi a espada do peixe-espada que perfurou-lhe a parede do duodeno, chocando-se numa volta perigosíssima que os anatomistas qualificam, no jargão deles, de curva duodenal ou lobo duodenal do gástrico, ou garganta hanseática do perigórdio, pelo menos conforme a terminologia mais atual.

“Pobres entranhas dos humanos!” — pensou o bom doutor fustigando a panturrilha com a pequena bengala. “E também aquelas dos marqueses que têm o brasão na torre.” De brasão para brasão, de víscera para víscera: de dobradinha para dobradinha! E, paralelamente, de uma idéia para outra, e talvez de uma alma para outra. Mas não há magistério para as almas erradas: suas chagas não conhecem disfarce. — O bom médico enfrentava os primeiros seixos da extrema pedregosa: um caminho horrível encovado entre dois muros e por sorte entre as sombras das acácias e de uns olmos, para a última paciência dos seus pés heróicos.

Oh! Ao longo do caminho das gerações, a luz!... que recua, recua... opaca... do imutável devir. Mas nos dias,

nas almas, quanta elaborante esperança!... e a fé abstrata, a pertinaz caridade. Cada praxe é uma imagem... estandarte, tarefa, no vento bandeira... A luz, a luz recuava... e a tarefa clamava para irem adiante, adiante, os seus brasonados: para conseguirem chegar ao ocidente fugidio... E sentia dor o respiro das gerações, de *semine in semen*, de brasão para brasão. Até a incrível arribação.

Em sua mansão sem pára-raios, cercado de pereiras, e portanto de pêras, o último fidalgo lia os fundamentos da metafísica dos costumes.

Ha! Ha!

Ele era um descendente direto, do ramo masculino, de Gonzalo Pirobutirro d'Eltino, que fora governador espanhol da Néa Kaltiké e que tornou-se conhecido até demais, na história, pela sua sede de justiça, o invulgar engenho, a magreza do rosto, a alma punitiva, o inexorável e rapinante governo. Ao cobrar os impostos nos pedágios, no limiar dos confins das propriedades, ou nas portas onde abriam-se as fortificações da cidade, ele tinha esquecido qualquer cuidado moderador, qualquer instância acauteladora ou contrária, de humanos ou políticos entendimentos. “*Buscador de plata!*” tinham-no cognominado as pessoas. Mas o que grasnam as pessoas? Não houvesse a desmanchar-se, na rede da idéia, o rasgão piscivúlculo do perdão. Mas não houve ninguém sofrendo danos, nem de ninguém foi tirado um centavo sequer, nunca! — sem que isto acontecesse em razão de um decreto de Don Felipe, el Rey Católico (e a seguir Don Fernando), ou, na falta disto, por um decreto dele mesmo; ou que o centavo não fosse integrado por navio no glorioso erário da Coroa de Castela, em virtude do mesmo decreto, real ou *suyo*. Para si mesmo, não roubara um só peso nem lixara um *doblón* sequer; nem tosquiera um merino, ou cheirara uma pitada de rapé. Morreu pobre, sem uma orelha, e caolho: por ter perdido na guerra um olho também. “*A los Reyes salud! Y levántenos a los cansados, Dios caballero, en Su luz!... con los demás caballeros...*”.

Depois de proferir estas palavras, ficou estirado e parou de viver, odiado por todos, em 14 de abril de 1695. O Reino onde o sol nunca chegava ao ocaso tinha-o elevado à dignidade de um estipêndio, contemplara-o com umas comendas, cheias de lacres e de felicitações reais, premiara-o com o título transmissível de Marquês d'Eltino, muitas fitas, y *algunas brazas de tierra* embaixo das muralhas de Pastrufácio (então chamada de San Juan), para deixar repousar os ossos; que eram, apesar de tudo, os mais compridos do Reino. Quanto à honra e ao dever, ainda que continuando a cuidar das unhas, nunca chegara a titubear no cumprimento deles, nunca tremera, nunca esmorecera: pois, encimando as ondas, ao virar a roda do leme, sempre e somente manteve os olhos fixos em sua estrela. Desonra, para ele, e pesar incurável em todo o curso sideral dos anos, foi não ter chegado em tempo para mandar enforcar em praça pública um tal de Filarenzo Calzagliu, ou, como todos diziam, Enzo, escapulado da mão da sua justa justiça: pois tinham-lhe colocado as algemas nos pulsos durante certas desordens em San Juan, em novembro de 1688. O sujeito, entre um incêndio e outro, e depois de ficar escutando alguns cretinos tagarelando, portara-se como um idiota, além de qualquer providência imaginável de perdão do Governador, ou benigna ação da Soberana Clemência.

Havia quem achasse, principalmente um doutor genealogista de Pastrufácio, por outro lado considerado visionário por muitos, ou até mesmo impostor e vendido, e fabricante de duques sem ducado, que os Pirobutirro tinham o sangue e a nobreza dos Bórgias, e que em homenagem a São Francisco Bórgia e a Dom Pedro Ribera, conhecido como o Spagnoletto, recebiam amiúde, na pia batismal, os nomes de Pedro e de Francisco. O bibliotecário-chefe da associação dos plantadores de pêras (com sede em Pastrufácio) que, nem precisa dizer, tinha moradia e pereiras pelas bandas de Lukones, no exemplar de novembro de 1930 do periódico da associação, denominado *La pera* (*A pêra*), desenvolveu ademais uma curiosa tese filológica, não deu bem para entender se em homenagem aos Pirobutirros ou se das pêras-butirro, que em maradagalês

são as pêras-manteira, afirmando que *hacer una pera*, no idioma de Castilla la Vieja queria dizer realizar um grande feito.

A cigarra, no olmo sem sombras, estridulava sem parar para o sul, dilatava a imensidão clara do verão. Superada a pior parte do caminho, o bom médico estava chegando à cancela: em sua mente viva, cheia de curiosidade, estas memórias da ilustre linhagem desenhavam-se com a rapidez do sonho; a imagem do seu cliente voltou-lhe à mente, após aquela do antepassado, numa luz absurda.

Pelo lado da mãe, seu cliente descendia de sangue bárbaro, germânico e huno, além de longobardo; a hungaricidade e o germanismo, contudo, não tinham certamente ido parar nas meias brancas, solas duplas, e tampouco nos joelhos, que tinham muito pouco a ver com os de Sigfrido; e mesmo no papel de leão magiar que acorda não parecia sair-se muito bem. Ainda que... ainda que... nunca se sabe...

Ele era germânico em certas manias de ordem e de silêncio, e no ódio ao papel gorduroso, às cascas de ovo, e às despedidas demoradas na porta. Numa certa angústia interior ao querer remontar às origens dos significados e das causas, num certo desdém da superfície-verniz, no julgamento um tanto lento e opaco, que nele parecia ser antes inalação do que espirro, e turva e lerda síntese, e nunca raio-fulgor cor ouro-papagaio. Germânico, principalmente, era certo pedantismo mais tenaz que a solitária, e para ele desastroso, tanto no barbeiro, quanto no jornaleiro. "Tem que se acomodar!" — diziam-lhe. "Levar a vida", acrescentavam. Não tinha o menor jeito para acomodar-se e levar a vida, em cujo uso sentia-se mais atrapalhado do que uma foca fritando bolinhos. Enfastiado pelos clamores do rádio, teria antes desejado uma investidura de Deus, não tanto para governar a Néa Keltiké pelas prebendas de Don Felipe el Rey Católico, quanto para escrever uma glosa do *Timeo* (*Timéu*), no silêncio, à custa de ninguém.

E havia, para ele, o problema do mal: a história da doença, a estranha história difundida pelos conquistadores, que tiveram a ocasião de recolher as moribundas palavras do Inca.

Pelo qual a morte chega sem motivo, cercada de silêncio, como uma tácita, derradeira combinação do pensamento.

É o “mal invisível”, do qual fala Savério Lopez, no capítulo extremo dos seus *Mirabilia Maragdagali*.¹

¹ “Os *Mirabilia* deste bom Padre Lopez, ao viajar e conhecer estes estranhos costumes, parecem querer dar crédito a uma espécie de ética, ou moralidade, embora mantendo-se afastados da costumeira e perene controvérsia dos filósofos quanto à predestinação e ao livre-arbítrio: e descrevem o mecanismo interior e próprio da vida de cada um. O último capítulo, sobre a chegada da morte, afirma que se trata de uma desconexão ou de uma extinção de qualquer arranjo de possibilidades compatíveis: razão pela qual ela chega tácita, e como se estivesse caminhando atrás das tuas costas.” (Bandinelli).

II

A passagem da nuvem, o bordo calou-se. É parecido com o olmo, e na Néa Kaltiké podam-no sem misericórdia até fazer com que cresçam outros tantos galhos da copa ao longo dos caminhos e da poeira: com casca áspera, e despídos de galhos daquele jeito, têm umas folhas pobres e gastas, quase rasgadas, com uma espécie de nódulos nas pontas. A acácia calouse, sem a nobreza do carme, ignorado pelo pavor fugitivo das Dríades, assim como pela flauta do antigo bicórnio: raiz utilitária e propagadora trazida para aquelas campinas da Australásia e logo frondosa e espinhosa tutelando os pomares, protegendo as margens. Foi graças aos cuidados de um agrônomo que especulava o Progresso e deu dele o seguro preságio, vaticinando o fim dos carvalhos, dos olmos, ou, nos fornos de cal, do antigo sonhar das faias. Ainda no final do século XVIII, destes não fabulosos gigantes, era toda ouro e púrpura sob os céus do outono a vertente do lado de lá do maciço de Terepátola, onde para cá precipita, irradiando, sobre o nivelamento azulado do vale, que sabemos ser um lago. A cal, nem precisa dizer, para construir as mansões, e os muros em volta delas: com as pereiras de respaldo.

Aquela ruela por onde o médico tinha que subir ficou longamente nas sombras, nem tanto dos raros bordos, mas sim das acácias sem fim. Os raminhos repartiam-se inúmeros dos galhos, louvavelmente verdes e já muito ajuizados, animados pelo propósito de servir de exemplo para o homem e amenizar

I

Vagueava sozinha na casa. E eram aqueles muros, aquele cobre, tudo o que lhe sobrara? De uma vida. Haviam-lhe dito com precisão o nome, cruel e negro, do monte: onde ele tombara; e o outro, dessoladamente sereno, da terra para onde tinham-no levado e deposto, com o rosto restituído à paz e ao esquecimento, desprovido de qualquer resposta, para sempre. O filho que lhe sorrisse, breves primaveras! Que tão docemente, apaixonadamente, acariciara-a, beijara-a. Depois de um ano, em Pas-trufácio, um suboficial dos carabineiros apresentara-se a ela com um diploma, entregara-lhe um livreco, pedindo-lhe para apor sua assinatura num outro calhamaço: e ao dizer isto havia-lhe oferecido um lápis. Antes perguntara-lhe: — Elisabetta François é a senhora? — Espalidecendo ao ouvir pronunciar seu nome, que era o nome da dor, respondera: “sim, sou eu”. Tremendo, como diante do feroz recrudescer de uma condenação. Para a qual, após o primeiro grito, horrível, a negra voz da eternidade continuava a chamá-la.

Antes que ele se fosse, quando com um tilintar da correntinha recolheu junto a si, depois do registro, também a espada brilhosa, ela dissera-lhe, como que a detê-lo: — O senhor aceita um copo de Nevado? — apertando as mãos descarnadas uma na outra. Mas ele não quis aceitar. Ela achou-o estranhamente parecido com aquele que ocupara o fulgor breve do tempo: do tempo consumido; as batidas do coração lhe diziam: e sentiu que devia amar de novo, com um frêmito nos lábios,

a presença reaparecida; mas bem sabia que ninguém, ninguém, jamais volta.

Vagueava pela casa: e às vezes entreabria as venezianas para que o sol entrasse no grande aposento. A luz encontrava então suas vestes humildes, quase pobres; os pequenos remédios com que pudera medicar, resistindo ao pranto, o hábito humilhado da velhice. Mas o que era o sol? Que dia trazia? sobre os latidos da escuridão. Ela conhecia suas dimensões e ângulo, a distância da terra e dos outros planetas todos: o ir e o revolver-se dele; muitas coisas aprendera e ensinara: os matemos e as quadraturas de Képler que perseguem na vacuidade dos espaços sem sentido¹ a eclipse de nossa dor desesperada.

Vagueava pela casa, como que procurando a misteriosa senda que a levaria a encontrar alguém: ou talvez apenas uma solidão, despida de qualquer piedade e de qualquer imagem. Da cozinha já sem fogo aos quartos já sem vozes, ocupados por raras moscas. E ainda via a campina à volta da casa, e o sol.

O céu, tão vasto sobre o tempo dissolvido, às vezes escurecia com suas nuvens sombrias; que vaporavam redondas e brancas das montanhas e, cumuladas e enegrecidas, de repente pareciam ameaçar terrivelmente quem está sozinha na casa, os filhos longe. Isto aconteceu também no que sobrava daquele verão, numa tarde no começo de setembro, depois do longo calor que todos diziam ter duração sem fim: passados uns dez dias desde que mandara chamar a porteira com as chaves; e, acompanhada por ela, quisera ir até o cemitério. Aquela ameaça feria-a no íntimo. Era o choque, era o escárnio de forças ou de seres não conhecidos, e ainda assim inexoráveis em perseguição: o mal que surge novamente, novamente e sempre, depois das manhãs claras da esperança. O que mais costumava perturbá-la sempre fora a animosidade imprevista de quem não tinha motivo nenhum para odiá-la, ou para ofendê-la: daqueles para quem a sua confiança tão pura voltara-se com tamanho enlevo, como que para iguais e irmãos numa superior sociedade

¹ Desprovidos de aparelho sensorial e portanto de sensibilidade.

de almas. Então toda experiência e memória socorredora, valor e trabalho, auxílio da cidade e das pessoas, desapareciam de repente da desolação do instinto mortificado, o íntimo vigor da consciência perdia-se: como de menina empurrada pela multidão, atropelada. A multidão embrutecida dos tempos perdidos, a treva das coisas e das almas eram um enigma turvo, diante do qual perguntava-se angustiada — (ingênua como criança perdida) — por quê, por quê.

O furacão costumava, e aquele dia também, percorrer com longos uivos os pavorosos desfiladeiros das montanhas, e em seguida desembocava na clareira contra as casas e as fábricas dos homens. Depois de cada acúmulo sombrio do seu rancor, desenfreadava-se pelo céu todo aos raios, como um capitão de mercenários a patuscar no estrago e nas rapinas entre luzes sinistras e disparos. O vento, que roubara-lhe o filho para desmemoriantes ciprestes, em cada janela parecia estar buscando também ela, também ela na casa. Irrompendo da janelinha das escadas, uma rajada agarrara-a pelos cabelos: tanto estalavam que pareciam querer estourar o soalho com suas vigas de madeira: como bordagem, como navio na tempestade: e os batentes fechados, barrados, inchados por aquele furor lá de fora. E ela, parecendo animal já ferido que escuta a sua volta mais e mais ainda as cornetas ferinas da caçada, recolheu-se como podia na sua cansada condição, a procurar abrigo embaixo da escada: descendo, descendo, num canto. Vencendo amedrontada aquele vazio de cada degrau, testando-os um após o outro, com o pé, agarrando-se ao corrimão com as mãos que já não sabiam mais segurar, descendo, descendo, embaixo, embaixo, rumo à escuridão e à umidade do fundo. Ali, uma pequena prateleira.

Contudo, a escuridão permitiu-lhe encontrar pelo tato uma vela, molhada, um pratinho com uns fósforos, preparados para as horas da noite, para quem voltasse em horas tardias. Ninguém voltava. Tentou acender mais de uma vez um fósforo, um outro, riscando na lixa: e finalmente, na amarelidão daquela trêmula noção do ladrilhado, eis ulteriormente fugidia, uma lasca de treva, horrenda: que logo repôs-se na imobilidade.

dade de uma insídia: o preto do escorpião. Olhos fechados, abrigou-se, então, em sua última solidão: levantando a cabeça como quem conhece qualquer vã imploração de bondade. E consumia-se, a ponto de reduzir a cinza uma faísca dolorosa do tempo: e no tempo ela fora mulher, esposa, mãe. E agora ficava apavorada diante da arma sem valor da qual se afastava, as trevas. E perseguia-lhe até ali, onde descera, descera, no fundo sombrio de toda memória, os estrondos e a glória vandálica do furacão encurrallaram-na ferozmente. A insídia revoltante da escuridão: nascida, mais negra mancha, da umidade e do mal.

Seu pensamento não conhecia mais por quê, por quê! esquecido, na ofensa extrema, de que uma imploração é possível, ou o amor, da caridade das pessoas: não lembrava mais nada: qualquer antigo auxílio da sua gente estava perdido, longínquo. Em vão parira as criaturas, dera-lhes o seu leite: ninguém reconhecerê-lo-ia na glória sulfúrea das tempestades, e do caos, ninguém mais pensava nisto: sobre os anos distantes das vísceras, sobre a dor e a doçura cancelada, outros fatos tinham descido: e aí o clamor da vitória, e as orações e as pompas da vitória, e, para ela, a velhice: esta postrema solidão a fechar os últimos céus do espírito.

O gotejar da vela caiu queimando a mão trêmula, o hálito gelado da tempestade, da janelinha das escadas, retorcia e lamina a chamazinha esmagando-a sobre o toco e a cera derretida, atnuava, aquele vislumbre do pavio, como despedida de morte.

Nada mais viu. Tudo foi horror, ódio. O trovão dominava sobre as coisas e as fulgurações do elétrico corriam para a ira, grelhadas em renovados instantes pelas ripas das venezianas fechadas, lá em cima. E eis que o escorpião, desperto, tinha-se movido, quase de lado, como que a cercá-la, e ela, tremendo, recuara para dentro do seu único ser, estendendo uma mão gélida e cansada, quase querendo pará-lo. Os cabelos recaíam-lhe na frente, não ousava dizer nada, os lábios secos, exangues: ninguém, ninguém iria ouvi-la naquele fragor. E a quem recorrer, no tempo mudado, quando tanto ódio, depois dos anos, era agora para ela dirigido? Se as próprias criaturas, nos anos,

tinham sido uma dor vã, flor dos cemitérios: perdidas!... na futilidade da terra...

Por quê? Por quê?

As vezes levantava o rosto no fundo escuro das escadas, e mesmo naquelas horas, reconhecendo sobre a sua cabeça calados interlúdios do tufão, a nulidade estúpida do espaço e do superveniente entardecer, da goteira, lá fora, gotas como pranto, ou o misericordioso silêncio. Imaginava que as lâminas repentinas de cada rajada, após correrem por todos os aposentos, deles saíam como tardia quadrilha a recompor-se na planície e na noite, onde juntar-se-iam ao seu transmigrante bando. Um batente chocava-se, esbofeteando-se contra a parede da casa. As árvores, lá fora (podia ouvi-las) davam raros pingos, à noitinha, detergidas como que por um pranto.

Ninguém a viu, descida no medo, embaixo, só, onde a amarelidão do pavio vacilava, empalidecia entre as sobras, do plano da prateleira, agonizando em sua cera derretida. Mas se porventura alguém pudesse vê-la, oh! até mesmo um mercenário! iria sentir na alma que aquele rosto virado para cima, feito pedra, de inúteis distâncias, não pedia nem mesmo para implorar alguma coisa. Cabelos efusos vaporizavam da sua testa, como bafo de horror. O rosto emergia com dificuldade da venda tenebrosa, as faces eram álveo para a impossibilidade das lágrimas. Os dedos cavadores de velhice pareciam repuxar para baixo, no plasma da treva, as feições de quem aproa na solidão. Aquele rosto, como fantasma, dirigia-se da escuridão subterrânea para a sociedade suprema dos vivos, talvez imaginasse, sem ousar esperar, a ajuda, a palavra de um homem, de um filho.

Este nome pousou levemente em sua alma: e foi aparecimento querido, sugestão quase de alvorada e de sonho, uma asa a voar bem alto, uma luz. Sim: havia o filho dela, no tempo, na certeza e no conhecimento dos vivos; e mesmo depois do transmutar, depois do precipitar dos anos. Caminhava entre os vivos. Percorria os caminhos dos homens. O seu filho. Aquele em cujo corpozinho ela quisera ver, oh! dias!, a prova defeituosa da natureza, uma falida experiência das entranhas após a fraude aceita do sêmen, relutantes em ter padecido, em

ter gerado algo não delas: numa longa e incurável obscuridade de todo o ser, na fadiga da mente, e das entranhas então abertas ao desdouro lento dos partos, no escárnio dos negociadores sagazes e dos mercadores, na constrição dos deveres que eles impõem, tão nobremente solícitos em seus destinos comuns, para pena e miséria dos honestos. E agora era o filho: o único. Ia pelas estradas ressecadas ao longo do fugir dos olmos, depois da poeira rumo às tardes e aos trens. O primeiro filho. Oh! somente o nimbo — chicote de céus sibilantes sobre curvas genituras dos campos — somente o terror podia tê-la separado desta forma da verdade, da segurança fundamentada da memória. Seu filho: Gonzalo. A Gonzalo, não, não!, não tinham sido prestadas as honras fúnebres das sombras: a mãe ficava horrorizada com a lembrança: fora, fora!, do inútil funeral, as nênias, os prontos torpes, os queixumes: círios, para ele, não tinham diminuído de altura entre pilares da nave fria e as arcas dos séculos-treva. Quando o canto de abismo, entre os círios, chama os sacrificantes para que desçam, desçam, para o fausto verminoso da eternidade.

Uma buzina, da estrada: e o vazio das coisas. Tudo cala-se, finalmente. Os gatos, na hora de sempre, claro, penetraram na casa, por onde só eles entram: aveludadas presenças fitavam-na do meio das escadas, com olhos como topázios na escuridão, mas fendidos por um corte, alinhadas pupilas da fome deles: e dirigiram-lhe, miando, uma tímida saudação, um apelo: “está na hora”. A ordem e a caridade domésticas chamavam-na para cima. E ela, esquecida da sua própria, tornou-se logo solícita com a pena alheia, como sempre: subia as escadas. A tamanqueante passada do camponês ressoou no assoalho de cima: de volta da compra do fumo e, talvez, esperou, do sal; chamou-a no escuro, falou em provisões e no fogo, notificou-a quanto à colheita devastada, naquele acontecer das coisas: começou, com novas erupções de voz, a destrancar os batentes, os vidros. Reanimada, ela viu novamente as claridades doces e longínquas da vila e na doce memória floresceram-lhe aquelas palavras de sempre: “abra os balcões — abra terraços e pórticos da casa”; como se a sociedade dos homens reconstituída aparecesse diante dela após longa noite. E o cria-

do, ei-lo ali, junto dos gatos, a andar pela casa: do seu próprio lar a este outro, tão amplo e gélido: trazendo faíscas, tições: e aí pelas escadas; atrás da fuga quadrupedestre dos tamancos ressoavam batentes e portas. E fustes e madeirames ao longo da viril cadência do itinerário. E o vento já se perdera na planície, na direção do Pequeño.

Do terraço, nas noites de verão, ela avistava ao longe, no horizonte, a fumaça das casas, que imaginava povoadas, cada uma, pela rainha, com o marido do estábulo, e pelos filhos. Em bando, as moças voltavam da fábrica, teares, dobaduras, ou bacias de fiação: bicicletas traziam de volta os rapazes da bigorna: ou então seguiam atrás do pai com balouçantes bois dos campos, e ele segurava e refreava pela barra o seu carro baixo, com beiradas baixas e inclinadas, de rodas pequenas com eixos untados e tácitos, repleto dos haveres e do trabalho, dos caules e das ervas: sobre cujo montão repousavam, como que esquecidas, as foices cansadas, nas sombras da noite.

Prole rústica vinda sem número do trabalho para o lar, para a colher: para os pobres pratos fundos que valiam o dia.

Fulgores longínquos, cantigas, chegavam de fora da casa. Como se alguma dona tivesse deixado sua panela de cobre a secar na eira, a reverberar, resplandecendo, o pôr-do-sol. Talvez como cumprimento a ela, a senhora!, que uma vez, como elas, tinha sido mulher, esposa e mãe. Ela não invejava ninguém. Desejava a todas, a todas, a alegria e a força pacata dos filhos, que estes tivessem um trabalho, saúde, paz: boas corridas de manhã quando o capitão ordena; que ao voltar do regimento encontrassem logo uma esposa na fartura odorosa das jovens.

Assim sendo, a cada dia encontrava motivo para chamar junto a si a lavadeira, a filha da padeira, a vendedora de limões ou às vezes de algumas laranjas raras de Tierra Caliente, a velha mãe do criado beirando os noventa, a mulher do peixeiro. (Havia boas razões para supor-se que os termos da série indumentária não vigorassem por completo na pessoa dela.) Eram uns pobres lúcios, escuros, de rosto comprido e tétrico como o desejo dos pobres, que tinham remado e remado até mais não poder por verdes carestias até o fulgor prateado da durindana; ou tencas, peixões amarelos dos lagos, de uma viscosidade